



Identidade Surda: Uma Análise dos Discursos de Professores Surdos e Ouvintes no Youtube

Marcelle Bittencourt Xavier¹; Francisco dos Santos Carvalho²; Mauro dos Santos Carvalho³; Juliana Menezes de Moraes⁴

Resumo: Neste artigo objetiva-se trazer uma reflexão sobre identidade surda sob o viés da análise dos discursos de professores(as) ouvintes e surdos(as) em um corpus que reúne vídeos veiculados no YouTube. Para tanto, recorri aos estudos da Análise do Discurso que seguem a tendência francesa, e, sobretudo, aqueles desenvolvidos por Patrick Charaudeau e as contribuições da pesquisadora Ida Lucia Machado (2016), umas das principais difusoras no Brasil da Teoria Semiolinguística, além de serem observados os Estudos Surdos. Foi possível perceber que professores e alunos ouvintes e surdos têm utilizado os recursos disponíveis na internet, como o YouTube, como forma interativa de comunicar, ensinar e aprender.

Palavras-chave: análise do discurso; identidades surdas; libras; mídia social; semiolinguística.

Deaf Identity: An Analysis of the Discourses of Deaf Teachers and Listeners on Youtube

Abstract: In this article, the objective is to bring to light a reflection on deaf identity under the bias of the analysis of the discourses of teachers (as) listeners and deaf people in a corpus that brings videos transmitted on YouTube. For that, I turned to the Discourse Analysis studies that follow the French tendency, and especially those developed by Patrick Charaudeau and the contributions of the researcher Ida Lucia Machado (2016), one of the main diffusers in Brazil of Semiolinguistic Theory, besides Deaf Studies. It has been realized that teachers and students who listen and deaf have used the resources available on the internet, such as YouTube, as an interactive way of communicating, teaching and learning.

Keywords: discourse analysis; deaf identities; pounds; social media; semiolinguistic.

¹ Mestra em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Tutora da Especialização em Gestão Pública EAD (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa: Práticas, Escritas e Narrativas (GPPEN/UESB) e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Semântica (GEPES/UESB).
E-mail: bittencourt.marcelle@gmail.com;

² Doutor pela Universitat de Barcelona (UB); docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; Programa de Pós-graduação em Gestão Universitária; Coordenador do Grupo de Pesquisa em Inovação e Modernização. E-mail: franciscodossantoscarvalho@gmail.com;

³ Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Servidor Público da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, membro do Grupo de Pesquisa em Políticas Educacionais em Educação do Campo (GPEMDEC/UESB) e membro do Grupo de Pesquisa em Educação no Campo da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: mauro@uesb.edu.br;

⁴ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Técnica Universitária da UESB, colaboradora do Projeto de Extensão para apoio técnico, gerencial e tecnológico para membros da cidade de Vitória da Conquista, no âmbito do desenvolvimento de competências inovadoras e empreendedoras.
E-mail: ju.itp@hotmail.com.

Considerações iniciais

O aparecimento de mídias e tecnologias, como o YouTube, vem ajudar tanto as pessoas ouvintes como também os sujeitos surdos¹ na superação de limites impostos no processo tradicional de ensino, em um ambiente virtual dinâmico que dispõe de acesso não-linear, ou seja, não é necessário seguir uma sequência de tempo.

Nesse aspecto, alguns educadores e professores possivelmente têm utilizado o YouTube por perceberem que os alunos surdos nem sempre se beneficiam das ferramentas tradicionais de educação, devido à dificuldade de ler as informações constantes nos livros - isso pode estar associada à limitação do conhecimento dos surdos (Fajardo et. al, 2008; Kelly, 1996; Marschark & Harris, 1996; Musselman, 2000; Harris & Moreno, 2004) acerca da fonologia, da sintaxe e do vocabulário expresso na linguagem impressa.

Partindo desse contexto é que surgiu o interesse pela análise dos discursos postados nas redes sociais, que tenham um cunho educativo no que tange aos aspectos relacionados à identidade dos sujeitos surdos, compreendendo seus artefatos culturais e particularidades.

Portanto, este artigo objetiva analisar os discursos de professores(as) ouvintes e surdos(as) nos vídeos publicados no YouTube, que abordem sobre a identidade surda.

Foi definido esse recorte, uma vez que algumas pessoas surdas levam um tempo para descobrirem a sua identidade e se reconhecerem enquanto cidadãos surdos, como relatado pelas pesquisadoras surdas Laborit (1994) e Vilhalva (2004), nas suas obras autobiográficas.

Metodologia

Por meio de uma pesquisa qualitativa, a análise foi distribuída em etapas descritivas e interpretativas. A fim de seguir a delimitação proposta inicialmente, para o levantamento dos dados na plataforma YouTube os vídeos foram escolhidos seguindo alguns critérios:

- i) primeiramente fiz uma busca das palavras-chave “identidade surda”, obtendo 9.540 resultados;
- ii) logo, filtrei apenas os “vídeos”, disponibilizando 8.950 vídeos;

¹ Refiro às pessoas não-ouvintes.

iii) marquei a opção no filtro “contagem de visualizações” para destacar por ordem decrescente de exibições, do vídeo mais visto ao menos visto.

Destes foram elegidos para a amostra os 03 vídeos mais visualizados e curtidos, tendo o cuidado de selecionar apenas aqueles publicados por professores(as).

Na segunda etapa, analisei os vídeos coletados, todos eles sinalizados na Libras, e os excertos utilizados foram respeitados na sua forma original, isto é, a transcrição segue conforme o áudio disponível na Língua Portuguesa uma vez que não acompanhava legenda. Depois recorri ao apoio da Plataforma Lattes para a busca de informações sobre o currículo dos professores, os quais foram identificados na amostragem da pesquisa como P1, P2 e P3, e da intérprete de P2.

Resultados e discussão de dados

A partir da Teoria Semiolinguística, criada pelo linguista francês Patrick Charaudeau, verifica-se que o Contrato de Comunicação ou Contrato de Fala se estabelece como um “acordo” entre dois ou mais parceiros² em uma interação, para juntos construírem as condições de produção e interpretação do ato de linguagem. É a ligação entre os sujeitos numa encenação discursiva em que o sentido é gerado por meio de uma finalidade discursiva (CHARAUDEAU, 1983).

No mundo virtual não é diferente, há uma interação entre os parceiros, como foi constatado nos vídeos 1, 2 e 3 ora analisados na presente pesquisa, em que o sujeito comunicante (Euc) fala aos sujeitos interpretantes (TU_i) e estes podem escrever comentários, adicionar o vídeo na *playlist* para assistir mais tarde ou compartilhá-lo em outras redes sociais.

Por que a necessidade de comunicar nas redes sociais? Aproveitando uma fala de Charaudeau³ (1995, p. 20) *apud* Machado (2016, p. 22) “comunicar, não é só informar, mas também convencer e seduzir”. Ao visualizar tantos vídeos com referência ao tema identidade

² O sujeito comunicante (Euc) é aquele que tem a iniciativa no processo de produção e o sujeito interpretante (TU_i) é um “servidor” do primeiro, em uma relação de transcendência. Assim como o sujeito interpretante (TU_i) pode ou não incorporar o destinatário (TU_d) ideal, ele produz a imagem do enunciador (Eue) que pode ou não assimilar aquilo que foi projetado previamente pelo sujeito comunicante (Euc). Então, o real sentido do ato de linguagem é visto nesse choque entre o que é produzido e as interpretações, esperando-se que os interlocutores se compreendam e conquistem o principal propósito do ato de linguagem: o sucesso da comunicação (CHARAUDEAU, 2008).

³ Trata-se de um artigo publicado na revista *Langages* (1995), sob a coordenação de Dominique Maingueneau, cujo tema foi *Les analyses du discours en France*.

surda isso mantém relação com a intencionalidade de convencer o sujeito interpretante sobre algo.

E nesta pesquisa, acredito que a intencionalidade seja convencer o internauta sobre a existência de identidade surda e da transformação que ela sofre de acordo com o tempo e os contextos em que os surdos vão se inserindo, criando-se novas identidades.

Durante a palestra proferida na conferência de abertura do Seminário de Oratória/BH-MG (2016), Charaudeau compartilhou que embora cada palavra tenha um sentido no dicionário, ao comunicar, o sujeito fala imbuído de um sentido que ele coloca nas palavras por ser ele mesmo, ou seja, na fala está a história do indivíduo, o qual participa da história da sua coletividade. E numa sociedade coletiva, quando alguém fala, adere estereótipos, portanto, a parte individual do discurso é minimamente representativa por conta dos discursos politicamente corretos que sobressaem.

Seguindo essa perspectiva de entendimento, no Vídeo 3 – Cultura Surda e Identidade (Publicado em junho de 2017), o professor (P3) inicia seu discurso questionando sobre o que seria a identidade e a cultura surda, o que parece uma tentativa do sujeito comunicante (EUc) de convidar o sujeito interpretante (TUi) para uma reflexão, e durante essa troca linguageira na “relação contratual”, ele prossegue com uma provocação ao narrar sobre a história dos surdos, pois sinaliza que os surdos vivenciaram tempos difíceis ao serem vistos como seres marginalizados na sociedade. P3 relatou:

Identidade e cultura surda. O que vem ser a identidade e a cultura surda? Nós já conhecemos um pouco da história dos surdos e nós sabemos que ao longo do tempo os surdos foram marginalizados na sociedade. Eles eram encarados como pessoas inferiores, e em virtude disso, os surdos foram muito prejudicados.

Charaudeau ainda elucidou no Seminário de Oratória/BH-MG (2016) que ao agir dessa forma, colocando um certo sentido nas palavras ao comunicar, desencadeia-se um jogo de manipulação do sistema linguístico, em que os imaginários sociodiscursivos sobressaem. Para Charaudeau (2007) o discurso é entendido a partir de dois sentidos:

a) diz-se da encenação do ato de linguagem em um circuito interno e externo, do dizer e fazer⁴, respectivamente;

⁴ Charaudeau disse no seu artigo “Uma teoria dos sujeitos da linguagem”, originalmente publicado na revista *Langages et Société*, Paris, n. 28, Maison des Sciences de l’Homme, jun. 1984: “O ato de linguagem é um fenômeno que combina o dizer e o fazer. O fazer é o lugar da instância situacional que se auto-define pelo espaço que ocupam os responsáveis deste ato [...]”

b) frente aos imaginários sociodiscursivos da coletividade que concerne aos modos de ver o mundo que cada pessoa possui e se propagam no formato de conhecimentos ou crenças.

Ao retomar a fala de P3, o professor acentuou sobre a imagem cristalizada por muito tempo em torno do surdo como alguém inferior, dentre outros imaginários sociocoletivos construídos pelos ouvintes.

P3 prosseguiu afirmando que há surdos que se dividem entre as culturas ouvinte e surda, e ao examinar sobre isso, mesmo existindo a possibilidade dos surdos e ouvintes utilizarem em dado momento a Língua Portuguesa, ainda assim, não possuem a mesma cultura.

E ao versar sobre o Contrato de Comunicação, algumas restrições são condicionantes nas práticas sociolinguageiras consoante com o/a(s):

1. Finalidade: Charaudeau (2006a, p. 69) esclarece que é a categoria que obriga os parceiros a responderem “estamos aqui para dizer o que?”, ordenando o ato de linguagem em função do objetivo e da expectativa constituídos na situação comunicacional. Nos três vídeos analisados os sujeitos comunicantes (EUc) - os professores P1, P2 e P3 - falavam sobre o que é a identidade surda, quais são os tipos de identidades surdas e como se dá seu processo de construção.

2. Identidade dos participantes: é determinada pelas questões “quem troca com quem?”, “quem se dirige a quem?”, “quem fala com quem?”, em que aqueles que se encontram inseridos na troca linguageira podem sofrer influências de natureza social a traços de status social (CHARAUDEAU, 2006a, p. 68-69). Os sujeitos comunicantes⁵ (EUc) são:

I) a professora ouvinte P1 possui graduação em Fisioterapia e Especialização em Educação Especial: Educação Bilíngue para Surdos – Libras/Língua Portuguesa, além de possuir Proficiência de Ensino de Libras (PROLIBRAS) e foi instrutora de Libras na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis);

II) a professora surda P2 tem formação em Pedagogia e Letras/Libras, com especialização em Língua Brasileira de Sinais e Educação Especial, além de atuar como professora de Libras; a intérprete de P2 é graduada em Pedagogia e Letras/Libras e especialista em Avaliação do Ensino e da Aprendizagem, com trabalhos voluntários na comunidade surda;

O dizer é o lugar da instância discursiva que se auto-define como uma encenação da qual participaram seres de palavra” (MARI et alii., 2001, p. 23).

⁵ Plataforma Lattes. **Currículo Lattes**. Disponível em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar/>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

III) o professor P3 não evidenciou se é surdo ou ouvinte, é pedagogo, especialista em Práticas Pedagógicas Aplicadas às Pessoas com Necessidades Educativas com ênfase em Libras e possui Proficiência no ensino da Libras e do MEC.

Esses sujeitos comunicantes (EUc) se dirigem aos sujeitos interpretantes (TUi), sendo estes últimos os alunos de Letras/Libras e outros cursos de graduação e pós-graduação, os pesquisadores, os professores e outros sujeitos que pertencem à população on-line (surdos e ouvintes) que é frequentadora da plataforma YouTube.

3. Propósito: o ato de linguagem se dá em torno da resposta à pergunta “do que se trata?” (CHARAUDEAU, 2006b, p. 187), então, os vídeos 1, 2 e 3 visam disseminar as informações sobre identidade surda e romper com o imaginário sociodiscursivo que modela o surdo enquanto sujeito inferior. P3 apresentou na sua fala que já é perceptível um novo cenário em que os surdos conquistaram seus direitos em meio ao enfrentamento de muitos obstáculos:

Com o passar do tempo, percebemos o crescimento da comunidade surda e a sua participação em diversos âmbitos da sociedade, principalmente, no âmbito acadêmico. Os movimentos sociais surdos que fizeram com que eles conquistassem diversos direitos. Com isso, percebemos um avanço na sociedade, da inclusão. No âmbito educacional, nas escolas de Educação Básica, nas universidades, nos órgãos públicos, percebemos a presença dos surdos [...]

4. Circunstâncias materiais: contemplam as condições e os dispositivos materiais em que se dá o ato de linguagem (CHARAUDEAU, 1992). Os parceiros do Contrato de Comunicação pesquisados não estão presentes fisicamente e nem se veem pessoalmente, mas interagem no ambiente virtual, sendo possível a postagem de comentários por textos, o compartilhamento do vídeo em redes sociais, além de disponibilizar a opção de curtir o vídeo assistido que dispõe da imagem do(a) professor(a) sinalizando na língua de sinais, acompanhando o áudio da voz (dos professores ou de intérprete da língua de sinais).

Esses componentes (finalidade, identidade dos participantes, propósito e circunstâncias materiais) trazem um certo respaldo para a efetividade do Contrato de Comunicação, mas não obrigatoriamente quer dizer que o sujeito interpretante (TUi) irá captar a mensagem subentendida no discurso do sujeito comunicante (EUc).

O ato de comunicação, para Charaudeau (1983, p. 15) *apud* Machado (2016, p. 25), “[...] é uma espécie de ‘aposta’ (*enjeu*) que fazemos com o outro, nosso ouvinte ou leitor, que poderá ou não captar o sentido do jogo linguageiro”.

No Vídeo 1 – Tipos de Identidade dos Surdos (Publicado em abril de 2016) a professora ouvinte (P1) explica sobre os tipos de identidades surdas, falando e sinalizando:

Hoje eu vim falar sobre identidade. O que é identidade? É o que a pessoa representa. O que é essa pessoa? Vou dar um exemplo: pessoa ouvinte, o que ela é? Ela ouve + fala, certo? E pessoa surda? Ela não ouve, ela não fala, então, ela utiliza o que? Libras e visual, tá? Então nós temos vários tipos de identidade. Eu vou explicar cada um deles, ok? [...]

De acordo com Charaudeau (2009), a identidade do indivíduo propicia ao mesmo a tomada de consciência sobre sua própria existência, isto quer dizer que ao passo do reconhecimento das semelhanças, constrói-se a identidade, com uma sensação de pertencimento a algum grupo devido às atitudes, ideias e aos posicionamentos compartilhados ou rejeitados por aqueles engajados na sua expansão.

Para melhor compreender essa questão que o linguista socializou, pode-se reportar ao Vídeo 2 – Especialização em Libras – Libras – Unidade 4 – Cultura e Identidade Surda (Publicado em outubro de 2015), em que a professora surda (P2) trouxe um exemplo de uma criança surda que nasceu em uma família de ouvintes, ficando limitada a sua comunicação, mas ao longo do tempo ela conhece outra pessoa surda.

Foi a partir daí que ela percebeu que é surda, possui uma identidade e é diferente dos ouvintes. Trata-se dessa noção de pertencimento que o sujeito estabelece em um ambiente de interações sociais com a adesão a novos valores e crenças de acordo com cada época. É o que P2 salientou, sinalizando na Libras, com a disponibilização do áudio da Tradutora e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais:

Quando o surdo nasce no mundo ouvinte, o pai e a mãe, o familiar é ouvinte, o surdo nasce e não tem comunicação, né. Depois de passado algum tempo, aonde a criança já cresceu, ela acaba encontrando um outro surdo e ela se enxerga, ‘nossa, eu sou surdo também, ele é surdo’, então ele percebe que ele tem uma identidade, ele percebe que tem uma comunicação visual, uma língua visual e que é diferente dos ouvintes. Então é importante enquanto surdo eu me aceitar, né, eu sou surdo, eu aceito a língua de sinais, eu sou muito mais visual, eu preciso de intérpretes, eu preciso de uma escola de surdos, eu preciso da associação né, então isso tudo é importante. Se eu não me aceito enquanto surdo, eu quero ouvir, aí a minha identidade fica balançada, fica diferente, não tem a subjetividade ou identidade ou cultura surda né, então, por isso a importância do surdo se aceitar e mostrar suas capacidades né, enquanto surdo [...]

No momento em que o sujeito se percebe como surdo, ainda há um mundo de descobertas para se envolver. P1 define os tipos de identidade surda:

Primeiro: identidade surda é o que acabei de falar, identidade surda é a pessoa que nasce surda, então ela não ouve e não fala, certo? Ela utiliza, ela é usuária de Libras e também ela é visual, tá? Segundo: identidade híbrida, o que é identidade híbrida? É a pessoa que nasce ouvinte e depois fica surda. Então ela é usuária de fala + Libras, tá? Terceiro: identidade flutuante, o que é? É a pessoa que nasce surda e não aceita Libras. Então ela não é usuária de Libras, ela não aceita, tá? Quarto: identidade intermediária, o que é identidade intermediária? Então é a pessoa surda que convive com a comunidade ouvinte, então ela fala, ela é oralizada, então a surda, ela não convive com a comunidade surda e não é usuária de Libras, ok? Próxima. Quinto: surdo com identidade ouvinte, então a surda é a pessoa que nasce surda e utiliza aparelho auditivo para poder ouvir + oralizada, tá? Próxima. Sexto: identidade surda genética – o pai, a mãe são surdos e têm filho surdo e é usuária de libras. Esses são os seis tipos de identidades, foco a surdez [...]

Recorrendo aos Estudos Surdos, pode ser verificado que embora haja vários tipos de identidade dos sujeitos surdos, ela perpassa um caminho permanente de construção, como apontam as pesquisadoras Gladis Perlin⁶ e Ronice Quadros (2003).

A identidade surda sofre modificações ao longo do tempo, na medida em que o sujeito surdo mantém contato com outro surdo, numa relação de interdependência entre os “iguais”, ou mesmo nas trocas estabelecidas com os ouvintes.

Considerações finais

Com este estudo percebi que novas relações são estabelecidas por meio das interações no ambiente virtual, em que a internet se configura não apenas como um lugar de encontro ou troca de informações, mais que isso, se tornou um espaço de produção de conhecimentos e estabelecimento de Contratos de Comunicação. Nos vídeos do YouTube analisados, a identidade surda se apresentou como constituinte pelas diversas vozes sociais dos sujeitos comunicantes (EUc), sendo evidenciada a língua de sinais como uma das principais marcas dessa identidade.

Na atualidade é um desafio para as pessoas surdas acompanharem as peculiaridades da estrutura gramatical da Língua Portuguesa que é bem diferente da sua língua materna (Libras), o que se torna um impedimento quando se tenta escrever, ler ou expressar. E, muitos ouvintes,

⁶ Gladis Perlin foi a primeira surda a receber o título de Doutora no Brasil.

por sua vez, não detêm nem mesmo o conhecimento básico da Libras, gerando conflitos no estabelecimento do Contrato de Comunicação por esses parceiros.

Como ratifica a francesa surda Emmanuelle Laborit (1994, p. 49), no seu livro autobiográfico intitulado de *O voo da gaivota*: “É preciso que os dois mundos se entrelacem, aquele do barulho e o outro, do silêncio”. É um equívoco pensar que a comunidade surda se restringe aos surdos, ela se estende aos ouvintes, tradutores/intérpretes, vizinhos, amigos, professores e colegas da escola, enfim, todos aqueles que se interessam pelos surdos e/ou mantêm alguma relação com eles.

Negar a língua de sinais é como recusar a identidade surda. Em algumas situações, os ouvintes se deparam com surdos acompanhados de tradutores/intérpretes da língua de sinais, o que tem sido uma contingência de conviver harmoniosamente nesse contexto. Mas o que se percebe é que os surdos almejam difundir a Libras, incluindo no mundo virtual, para que possam ter o contato direto com o ouvinte e estabelecerem as interações sociais sem a dependência de outrem.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006a.

_____. *Discurso político*. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006b.

_____. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

_____. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, M. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: 2009, p. 309-326. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>>. Acesso em 04 mar. 2019.

_____. *Langage et discourse – éléments de sémiolinguistique (théorie et pratique)*. Paris: Hachette, 1983.

_____. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. (Org.). *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris: Harmattan, 2007.

FAJARDO, I. et al. Hyperlink format, categorization abilities and memory span as contributors to deaf users hypertext access. *Journal of deaf studies and deaf education*, 2008, vol. 13(2), pg. 241-256.

HARRIS, M; MORENO, C. Deaf children's use of phonological coding: Evidence from reading, spelling, and working memory. *Journal of Deaf Studies Deaf Education*, 2004, vol. 9, pg. 253-268.

KELLY, L. The interaction of syntactic competence and vocabulary during reading by deaf students. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 1996, vol. 1, pg. 75-90.

LABORIT, E. *O voo da gaivota*. Trad. Lelita de Oliveira. São Paulo: Best Seller, 1994. (Escrito com a colaboração de Marie-Thérèse Cuny).

MACHADO, I. L. *Reflexões sobre uma corrente da análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida*. 1. ed. Coimbra, Portugal: Grácio Editor, 2016.

MARI, H. et alii. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso-FALE/UFMG, 2001.

MARSCHARK, M.; HARRIS, M. Success and failure in reading: The special case (?) of deaf children. In: C. Cornoldi & J. Oakhill (Eds.). *Reading comprehension difficulties: Processes and intervention*, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1996, pg. 279-300.

MUSSELMAN, C. How do children who can't hear learn to read an alphabetic script? A review of the literature on reading and deafness. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 2000, vol. 5, pg. 9-31.

PERLIN, G.; QUADROS, R. M. *O ouvinte: o outro lado do surdo*. Florianópolis: Fapeu-002/II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, 2003.

Seminário de Oratória/BH-MG. *Análise do discurso político (a cenografia do poder) – Patrick Charaudeau*. YouTube, 15 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e-G8-2y4XOE&t=1343s>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

VILHALVA, S. *Despertar do silêncio*. Florianópolis: Arara Azul, 2004.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

XAVIER, Marcelle Bittencourt; CARVALHO, Francisco dos Santos; CARVALHO, Mauro dos Santos; MORAES, Juliana Menezes de. Identidade Surda: Uma Análise dos Discursos de Professores Surdos e Ouvintes no Youtube. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.45, p. 331-340. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 13/04/2019

Aceito 17/04/2019